

# A importância do Chile no Mercosul

A reação comedida do presidente Fernando Henrique Cardoso à informação de que o Chile negocia um acordo bilateral de comércio com os Estados Unidos, que equivaleria à adesão ao Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), contrasta com a atitude negativista de alguns altos funcionários diante da notícia. Depois de encontrar-se com o presidente do Chile, Ricardo Lagos, na Cidade do México, o presidente brasileiro disse que "o Chile e o Mercosul se entendem e, em Florianópolis, nós vamos discutir esta questão", referindo-se à reunião de cúpula dos países do Mercosul, marcada para os próximos dias 14 e 15. O presidente Lagos, de sua parte, afirmou que o Mercosul continua prioritário para o Chile.

Não se trata, portanto, de um fato consumado. Ao contrário. Os acontecimentos obrigam-nos a examinar objetivamente com nossos parceiros quais as causas que levaram ao esfriamento do Chile em relação ao Mercosul e procurar corrigi-las. Assim, é prematuro e inconveniente excluir o Chile das discussões sobre medidas na área econômica para o fortalecimento do Mercosul no encontro de Florianópolis. Os governos do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, bem como os empresários dos países do bloco, deveriam empenhar-se agora em manter o Chile como membro associado e negociar com seu governo e seus empresários formas para apressar seu ingresso efetivo no Mercosul.

Como bem disse o secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex), Roberto

Giannetti da Fonseca, a importância do Chile para o bloco "não é tanto pelo tamanho de sua economia, mas porque é um país emblemático dentro da América Latina". De fato, com uma economia aberta e estável, o Chile desfruta de prestígio internacional, que se consolidou com seu retorno à democracia. O Chile é também um parceiro estratégico, podendo atuar como ponte para um inter-

**O Chile é parceiro estratégico e sua efetivação no bloco deve ser ativamente negociada**

câmbio mais intenso do Mercosul e dos países da América do Sul com os mercados políticos e da área do Pacífico. Em contrapartida, aquele país poderia, via Mercosul, intensificar o comércio com os países do Sul da África, que vêm se aproximando do bloco.

Não há dúvida de que, se o Chile se afastar do Mercosul, isso poderá vir a prejudicar a criação de uma Área de Livre Comércio Sul-Americana, conhecida como Amercosul, tal como previsto na reunião de cúpula dos presidentes do subcontinente em Brasília, no fim de julho. É claro que outros países do hemisfério poderiam igualmente firmar acordos bilaterais com os EUA, o que não poderia deixar de ter influência nas negociações para a constituição da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) a partir de 2005. A posição dos países sul-americanos tem de ser estrategicamente unifi-

cada sob o risco de ser enfraquecida.

São compreensíveis as frustrações causadas pela notícia de um possível acordo do Chile com o Nafta, mas não podemos deixar de dialogar. Os países do Mercosul devem reafirmar sua firme determinação de integrar suas economias e cumprir os cronogramas estabelecidos, criando um ambiente mais convidativo para os chilenos.

O Grupo Mercado Comum (GMC), que inicia amanhã uma série de reuniões sobre novas alíquotas da Tarifa Externa Comum (TEC), poderá dar uma contribuição importante para isso, reduzindo a TEC em três pontos percentuais a partir de 2001, como já foi acertado. Um dos obstáculos à entrada efetiva do Chile no Mercosul é a diferença entre sua tarifa para importação de terceiros países, atualmente de 9%, e a tarifa média do bloco, que é de 14%.

Em conclusão: os permanentes percalços para a montagem de uma união aduaneira ampla com vistas a um mercado comum não devem servir de pretexto para atitudes negativistas. Não é esta a primeira vez que a obstinidade de altos funcionários complica as questões ou cria atritos. O governo deveria se acostumar a um papel secundário em situações como esta, abrindo espaço para uma participação muito maior da sociedade civil. Com isso, aumentaria o papel dos empresários. São eles que deveriam entender-se com os nossos vizinhos e encontrar meios para solucionar problemas que surgem e podem ser mais facilmente resolvidos com a sensibilidade-adquirida na condução dos negócios. ■

## CHILE E MERCOSUL

O BRASIL resolveu romper as negociações que maninha desde o início do ano com o Chile visando à adesão deste país ao Mercosul. O motivo do rompimento foi a decisão chilena de priorizar um acordo de livre comércio com os EUA.

As negociações sobre a adesão do Chile ao Mercosul vinham esbarrando na política tarifária. A TEC (Tarifa Externa Comum) média do Mercosul está em 14,3%, enquanto a tarifa externa linear chilena é de 9%, sendo 6% a meta do país para 2003.

O Chile tem uma estrutura produtiva menos complexa que a brasileira e uma economia mais aberta. Cerca de metade de seu PIB está vinculado às exportações. O livre comércio parece mais atrativo para o país.

Para uma economia como a do Brasil, em que o peso do mercado interno é muito significativo, as vantagens do livre comércio precisam ser ponderadas. A diplomacia brasileira já se manifestou preocupada com as consequências que a livre competição com os EUA poderia trazer para

a estrutura produtiva nacional. A economia brasileira ainda não estaria preparada para tal concorrência.

A decisão do Chile é, assim, mais um movimento no jogo de xadrez travado entre Mercosul e EUA em torno da criação e do cronograma de implantação da Alca, o projeto de livre comércio para as Américas.

O fortalecimento do Mercosul é uma maneira de seus países somarem forças nas negociações da Alca.

A decisão chilena pode incentivar novas "deserções" ou pressões para imprimir maior rapidez à abertura externa. A Argentina, por exemplo, em suas tentativas de atrair confiança externa para seu modelo econômico, propôs recentemente uma redução linear nas TECs do Mercosul.

O Mercosul é uma importante peça da estratégia da política comercial dos seus países. Mas é preciso atenção para os limites das concessões que o Brasil pretende fazer para viabilizar essa integração regional. Concessões excessivas podem tornar o Mercosul mera peça de decoração.

# JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro - Terça-feira 5 de dezembro de 1990

## Negócios à Parte

A decisão do Chile de se incorporar ao Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) pegou de surpresa os parceiros da América do Sul. Principalmente o governo brasileiro. Desde a eleição do atual presidente, o socialista Ricardo Lagos, o Itamarati dava como fatura liquidada a adesão do Chile ao Mercosul, o que iria fortalecer a aliança comercial que tem resistido bravamente às pressões dos Estados Unidos. Citava-se com frequência o fato de o presidente Fernando Henrique Cardoso manter excelentes relações pessoais com Ricardo Lagos, desde os tempos de seu exílio no Chile no início dos anos 70. De um *compagnon de route* - cuja primeira providência após a posse foi inaugurar uma estátua de Salvador Allende no palácio do governo - esperava-se tudo, menos a adesão fácil ao Nafta.

As reações no âmbito do Mercosul não se fizeram esperar. No México, onde participou das cerimônias de posse de Vicente Fox, o presidente Fernando Henrique cobrou explicações de Lagos e o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampraia, sem esconder a decepção, anunciou pronta retaliação: o Chile, segundo ele, não deveria mais participar dos mecanismos decisórios do Mercosul. Na noite de sábado, o Itamarati divulgou nota à imprensa em tom mais comedido, esclarecendo que o Mercosul decidiu romper as negociações para entrada do Chile no bloco comercial, mas isso não altera seu *status* de membro associado.

Em nome da diplomacia, foi aceita a explicação de Ricardo Lagos no sentido de que o acordo com os EUA (destino de 70% das exportações chilenas) em nada afeta o interesse do Chile por ingressar no Mercosul. "Não demos uma puntalada nas costas de nossos amigos", garantiu Lagos, confirmando sua presen-

ça na reunião dos países integrantes e associados do Mercosul, no próximo dia 14, em Florianópolis. No encontro, o Chile terá a oportunidade de explicar melhor os motivos de seu gesto. Mas o prejuízo está feito: ao se aproximar de EUA, Canadá e México, Lagos implorou a estratégia comercial traçada pelo governo brasileiro. Era objetivo do Itamarati primeiro fortalecer o Mercosul, para depois iniciar negociação em bloco com o Nafta. Já os EUA tentam isolar o Brasil para apressar a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Nesse esforço, os americanos seduziram o Chile e tentam seduzir a Argentina.

A balança está pendendo para o lado do mais forte, em prejuízo dos interesses brasileiros e do Mercosul. O presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Benedito Moreira, não tem dúvida: "Essa aproximação entre chilenos e americanos só vem reforçar a fragilidade do Mercosul. Mais uma vez mostra que o bloco comercial é frágil e que os EUA vão continuar nos atropelando". Ex-periente executivo do setor (durante muitos anos dirigiu a Cacex, Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil), Benedito Moreira adverte: "O Brasil está sozinho e precisa fortalecer suas exportações. Não podemos ficar esperando que se forme uma muralha no continente americano. Precisamos nos mexer".

A posição parece extremada, mas Benedito Moreira merece todo crédito. O Mercosul foi uma conquista importante, porém vem fazendo água por todos os lados, duramente atingido pela crise econômica da Argentina. O Brasil que se mexa. Não deve colocar todos os ovos na mesma cesta. Tem de buscar alternativas e novas parcerias para o comércio exterior. Amigos, amigos, negócios à parte.